

A *Civita* Romana de Saguntum: Um Estudo de Caso sobre o Processo de Urbanização e Implantação das Instituições de Roma na Hispania, entre os séculos II a.C. e I d.C

Carlos Eduardo da Costa Campos

Resumo: Ao longo da História, nos foi perceptível um processo de interação cultural entre as regiões que circundavam o Mediterrâneo Antigo. A cidade-estado denominada de Roma, desde o século III a.C. apresentou uma dinâmica expansionista, a qual a historiografia nos pontua como *prática imperialista*, sobre os territórios os quais ela anexou a sua zona de poder. O *oppidum* de Saguntum, foi uma das sociedades que se aliaram a Roma em troca de benefícios e com isso vivenciou uma intensa reconfiguração do seu espaço territorial e das suas práticas culturais.

Neste trabalho almejamos abordar Saguntum, por meio de um novo viés, o qual se enfoca no período posterior ao conflito entre romanos e cartagineses, ou seja, após a *Segunda Guerra Púnica* (III a.C). A inovação de nossa pesquisa foi fruto de verificarmos que Saguntum figura na documentação textual, como em Estrabão (*Geographika*), e no campo historiográfico apenas como um possível estopim para a guerra entre Roma e Cartago, devido a sua destruição pela última cidade-estado mencionada. Mediante, o exposto nosso objetivo neste artigo é o de problematizar a reconstrução e as transformações urbanísticas, as quais Saguntum haveria passado por meio de seus contatos com Roma, com um recorte cronológico que se centra entre os séculos II a.C e I d.C.

A documentação textual por nós utilizada foi Tito Livio (*Ab Urb Condita Libri*) e Políbio (*História*). Os indícios arqueológicos, que foram analisados em nosso texto pertencem aos relatos de escavação produzidos pela arqueóloga Carmen Aranegui Gascó. A referida pesquisadora integra o corpo docente da Universidade de Valencia, na Espanha e possui seu enfoque de pesquisa sobre os sítios arqueológicos de Saguntum. No que tange a abordagem metodológica que foi aplicada na documentação textual, nós utilizamos os estudos de Algirdas Julius Greimas, em *"Semiótica e Ciências Sociais"*, por meio da elaboração de uma grade que foi intitulada de *"Análise do Conteúdo"*, cuja foi desenvolvida pela Prof.^a Maria Regina Candido, no NEA/UERJ. As idéias de Greimas nos possibilitam analisar uma estrutura narrativa, com maior atenção no contexto de produção do discurso. No que se refere à documentação arqueológica, nos valemos dos métodos de análise da Arqueologia *Pós-Processual*, nos possibilita compreender o objeto de estudo de acordo com o seu contexto histórico, assim se enfocando nas especificidades e não tendendo ao generalismo de visões.

Os resultados que obtivemos através da análise das documentações arqueológicas e textuais, nos evidenciam a presença uma modificação no status sócio-jurídico de Saguntum, a criação de um teatro para espetáculos, a elaboração do *forum* e de reformulações na área portuária. Tendo em vista que os elementos apontados são referentes ao período romano, nossas considerações parciais indicam que a urbanização e a implementação das instituições romanas foram mecanismos para que Roma viesse a organizar e possivelmente controlar a região de Saguntum.

Palavras Chaves: Saguntum, Roma, Instituições, *Civita*, Liderança Unipolar, Teatro, *Forum*, Porto.

A cidade aparece na Europa Clássica como o *locus* do ser civilizado em contraposição com aquilo que era considerado como rústico, ou seja, o ambiente rural. Percebemos que a cidade, ou a *civita* romana, são refletidas por setores da academia e leigos como lugares de cultura devido a uma definição de cunho moral, elitista e global herdada da Antiguidade e que, através de várias alterações, persistiu até o século XV. Tal fenômeno não seria exclusivo do Ocidente, pois também pode ser observado no Oriente, de acordo com o geógrafo Marcel Roncayolo (RONCAYOLO, 1986: 422).

O pesquisador Roncayolo frisa que há uma concepção historiográfica, a qual pontua que todas as grandes culturas nasceram nas cidades, e que a *História do Mundo* é a *História dos Cidadãos*. Logo, o autor deixa transparecer que a cidade é a sede natural do homem civilizado (RONCAYOLO, 1986: 422). Ao analisarmos a configuração das cidades em nossa atualidade, ou das *civitates* e *poleis* que existiam na Antiguidade, podemos perceber que elas são dotadas de expressões culturais, as quais nos ofertam indícios históricos das sociedades que ali habitavam no passado, ou residem no presente. Em linhas gerais, como o sociólogo Octavio Ianni nos frisou seria por meio do estudo das cidades, que poderíamos conhecer parte daquilo que foi uma determinada sociedade (IANNI, 2000:123).

As culturas citadinas podem apresentar dois tipos de urbanização. O primeiro modelo seria conservador, que é fruto de uma sociedade rural. A segunda é a heterogênea, a qual seria um produto das inovações e do constante processo de interação social das cidades, os quais visam romper com a forma de organização da sociedade tradicional, como ocorreu com a cidade romana ao ser implementada em diversos pontos do Antigo Mediterrâneo, o que provavelmente ocasionou uma transformação na estrutura anterior do local (RONCAYOLO, 1986:423).

Ao estudarmos a História Romana, por meio dos seus encontros e enfrentamentos culturais ao longo do Mediterrâneo, notamos que a Península Ibérica exerceu um papel *sui generis*, como um dos territórios que foram agregados a zona de poder de Roma. Dentre as diversas regiões da Antiga Ibéria, uma se destaca por ser vista como o cenário e objeto de disputas entre Roma e Cartago, no período correspondente as II Guerras Púnicas (séc. III a.C.). Logo, almejamos historicizar a *civita* romana de Saguntum (Sagunto, em Valência), através das suas modificações ocorridas durante os séc. II e I a.C., para que possamos compreender a sua dinâmica político-cultural com Roma.

Antes de estabelecermos as nossas análises sobre a reconstrução de Saguntum, a qual é o nosso enfoque neste texto, se faz necessário apontar os antecedentes para esta reorganização. A referida *civita* foi a causa imediata da guerra entre Roma e Cartago. Saguntum estava sob proteção romana (*fides*), possivelmente a partir de 231 a.C (Políbio, História, XX,9,10-9.12 / XXXVI,4,1-4. 3). Todavia, a datação é imprecisa, pois Políbio¹ não demarca exatamente quando os romanos haviam aceitado Saguntum em sua *fides*, assim colocando o momento da aliança como anterior ao tratado de romanos e cartagineses em 226 a.C. Porém, nosso autor nos informa (III,15.5-15.8; XXX.2) que no final da década de 220 a.C. os romanos executaram alguns líderes de Saguntum, o que leva à sugestão de que na época havia ao menos uma facção contrária aos romanos, ou a favor dos cartagineses, na cidade. Ademais, Políbio narra que os grupos dissidentes que não foram punidos com a morte, sofreram o processo de banimento da região (História, III,15,7;30,1 - ECKSTEIN,2006:171). A ação romana para evitar o alinhamento de Saguntum com Cartago, a qual foi endossada pela atitude de parte da elite local ao se manter aliada aos romanos, nos apresenta uma interação política que vai levar ao conflito com os cartagineses, pois eles almejavam o controle da Hispania.

O general cartaginês Anníbal ávido por expandir seu poder pela Antiga Ibéria alegava que o ataque e conquista de domínio sob o território saguntino, não afetava ao tratado de amizade entre eles e Roma, pois Saguntum não configurava entre os aliados romanos listados no acordo em 241 a.C, quando se deu o tratado entre romanos e cartagineses. Contudo, o fato é que a região era notadamente apoiada pelo Senado de Roma, até mesmo como uma forma de se garantir uma área de influencia, na Península Ibérica. Além disto, a proteção romana era a única forma dos saguntinos garantirem a manutenção da sua segurança frente ao crescente avanço de Cartago.

Para endossarmos nossa perspectiva, que foi apresentada acima recorreremos novamente ao urbanista francês Marcel Roncayolo, pois o referido pesquisador indica que cada grupo social possui seus meios e motivos específicos para aumentar as permutas e os encontros em sua cidade, além da relação com as outras sociedades (RONCAYOLO, 1986: 396). Fica perceptível que as cidades médias ou os povoamentos vão se valer deste elemento de interação entre os territórios, para ratificar o seu poder e se legitimar politicamente ao dialogar e se por sob proteção de regiões com maior representatividade (RONCAYOLO, 1986: 422). Diante do que foi apontado percebemos que as ações político-culturais utilizadas pelas sociedades variam de acordo com os seus desejos e problemas, os quais se colocam no cotidiano dos indivíduos que governam uma determinada região. Tal explicação, por nós aqui exposta, se relaciona com a nossa concepção sobre como Saguntum foi inserida na esfera de poder romana, pelos seus governantes.

Ao prosseguirmos em nossos escritos verificamos que o historiador Arthur Eckstein nos pontua que no terceiro século a.C, Saguntum entrou em conflito com um grupo ibero denominado de *Torboletae*, os quais eram aliados dos cartagineses. O confronto poderia ter sido insuflado por Anníbal, usando os *Torboletae* para fomentar o estopim para sua invasão. Apesar de advertidos por embaixadores romanos, que não deveriam invadir Saguntum, os cartagineses realizaram um violento ataque sitiando a cidade-estado hispânica por oito meses a qual não contando com um eficaz apoio romano, caiu em 219 a.C. (ECKSTEIN, 2006: 172).

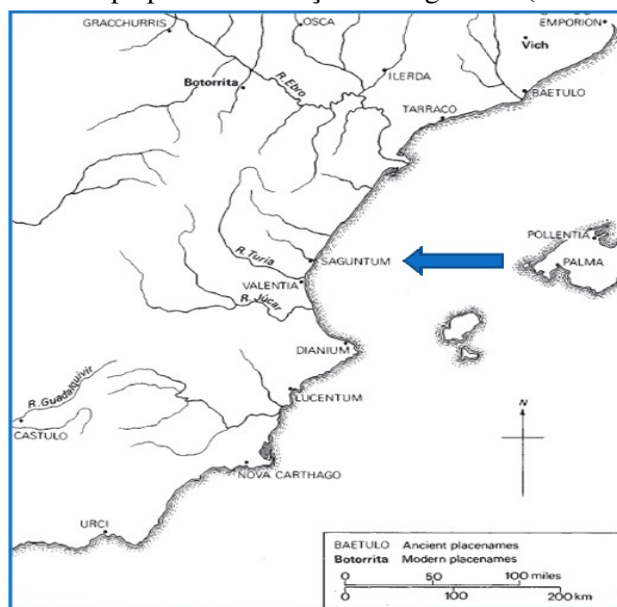
O pensador latino Tito Livio (*Ab Urbe Condita Libri*, XXVIII, 39, 1-9) nos fornece indícios de que os saguntinos enviaram uma embaixada, contendo dez de seus representantes, os quais Livio identifica com uma função similar a dos senadores romanos, para Roma. A *Cultura política*² dos saguntinos, mediante ao caos gerado pela destruição de seu núcleo urbano, os levaram possivelmente a uma situação de objetivarem a ampliar as relações já existentes entre Saguntum e a área de influência romana, para que conseguisse obter maiores privilégios como a reconstrução da região, na condição de aliada de Roma. Se as atitudes dos saguntinos foram corretas, para eles ou não, isso não nos cabe enquanto profissionais da História. O historiador francês Lucien Febvre, já havia nos advertido que não caberia, enquanto pesquisadores, a função de julgar os acontecimentos e ações dos personagens históricos, mas sim o atributo de refletir os processos que transcorrem ao longo da História, em nosso caso Saguntum (FEBVRE, 1998: 25-26).

De acordo com Tito Livio, as solicitações dos embaixadores foram aceitas pelo Senado de Roma, o qual tomou o diálogo com Saguntum, como um exemplo de *fides* (aliança) entre Roma e as províncias. O epigrafista Josep Corell nos adverte que o envio da embaixada para a reconstrução de Saguntum seria datado, possivelmente, a partir de 205 a.C. (CORELL, 2002: 13). O desejo romano de estabelecer uma profícua relação com as regiões dominadas pode nos levar a pensar a construção e reconfiguração das cidades conquistadas na área ocidental, como um valioso instrumento político para se assegurar a manutenção do poder de Roma. Todavia se faz necessário pontuarmos que, apesar de haver pontos em

comum, com o modelo metropolitano, as construções nas áreas provinciais possivelmente tenderam a se adaptar com as especificidades locais, para que assim houvesse a obtenção do seu sucesso. O latinista Pierre Grimal nos indica que o processo de urbanização não deve ser pensado apenas através da elaboração dos *habitats*, nas áreas periféricas pelos romanos. O autor complementa que o processo de interação ocasionado pelas construções levou a propagação de pensamentos sobre o estilo de vida romano, os quais passariam a ser incutidos no imaginário social dos indivíduos. Ademais tais contatos facultariam a uma alteração (mesmo que em longo prazo) nas esferas política, social e cultural das sociedades subjugadas, de acordo com os seus interesses em questão (GRIMAL, 2003: 10).

Ao interagirmos as idéias de Pierre Grimal, com os escritos do sociólogo Octavio Ianni e empregando-os para o nosso estudo sobre as *civitates* romanas, e até mesmo as póleis helênicas, elaboramos uma concepção de que a *civita / polis* é o espaço dos encontros, das interações, das tensões e dos confrontos sócio-culturais (IANNI, 2000:124). Diante do processo de constantes mudanças apresentadas por Ianni, notamos que a cidade não é algo imutável. De acordo com Roncayolo, uma estrutura urbana pode se modificar de uma cultura para outra, como também se transforma com o passar do tempo (RONCAYOLO, 1986:396). Tal apontamento se faz pertinente para os nossos estudos, nos quais identificamos possíveis transformações em Saguntum, ao adentrar na zona de poder romana.

Imagem 1- Mapa para Localização de Saguntum (RICHARDSON, 2004:32).



Uma das transformações obtidas pela embaixada saguntina foi à condição de *civita*, a qual perdurou até meados do século I a.C, como podemos ver em Plínio, o Velho (*História Natural*, III, 3, 20). Segundo a pesquisadora Norma Musco Mendes *civita* foi um termo, que freqüentemente passou a ser traduzido como cidade. A referida historiadora define a terminologia como sendo o estatuto sócio-jurídico que uma dita comunidade adquire da administração romana. Ela seria a expressão da organização política, econômica, social e cultural de um governo romano em seus territórios colonizados. A característica básica de uma *civita* é a sua espacialização em área urbana (*urbs*) e rural (*ager*), sendo sua construção e ordenamento social alicerçados no conjunto de leis e na religião. Um fato recorrente na

historicidade romana se situa na relativa autonomia que as *civitates* possuem sobre os seus bens e população (MENDES,2004:25-6).

O pesquisador Josep Corell nos orienta através da sua análise epigráfica que Saguntum assumiu a condição de *civita foederata* no período compreendido entre 56 e 08 a.C. (CORELL, 2002:19). De acordo, com o classicista Joaquim Muniz Coello tal estatuto ofertava uma relativa autonomia das áreas coloniais frente ao governo provincial. A mesma estava isenta do pagamento anual de tributos para a metrópole. Entretanto, possuía obrigações tais como fornecer homens para as legiões e prestar serviços navais quando necessário para a República. Além disto, soma-se a função de ofertar abrigo aos militares, quando em atividade na localidade (COELLO, 1975:242). Josep Corell nos frisa que, ainda no final do séc. I a.C.(entre os anos de 4/3 a.C.), devido às reformas do principado de Augusto, Saguntum teria adquirido o status de *municipium* romano (CORELL, 2002:19).

Os *municipia*³ romanos podem ser estudados como um elemento integrador entre o centro urbano e a comunidade que residia nele. Era uma designação sócio-jurídica, a qual uma *civita* era elevada a um patamar com maiores benefícios. Um dos privilégios que uma região viria obter é o fato de seus habitantes poderem se tornar cidadãos e com isso integrarem, dependendo da localidade, a magistratura romana como nos cargos de *magister* (administrador), *decurio* (função de senador nos *municipia* ou nas *coloniae*) ou *duunviri*⁴ (cargo exercido por dois indivíduos notáveis, para formar uma comissão para análise das questões locais, quando era necessário). Por meio de tal processo os indivíduos passavam a integrar o sistema político-social romano, mas isso os obrigava ao pagamento de tributos e auxílio para a manutenção da ordem social do Império, o que tirava o benefício anterior de isenção dos impostos que Saguntum desfrutava, enquanto uma *civita foederata*. Vale ressaltar, que tais cidadãos geralmente possuíam uma cidadania incompleta, no que tange aos direitos políticos, assim sem direito a voto (*civitas sine suffragio*). A Prof.^a Norma Musco Mendes nos orienta que o *municipium* foi um agente essencial para promover o contato cultural entre os nativos e os romanos, além de interagir a tradição com a inovação e a autoridade com a autonomia local (MENDES,2004:25).

A cidade, ou a *civita* romana, podem ser pensadas enquanto um laboratório excepcional, ou seja, como um espaço no qual se vivenciava, experimentava e concretizavam-se idéias, ações políticas, religiosas, econômicas e sociais. Além do status sócio-jurídico que Saguntum adquiriu junto a Roma, também notamos um movimento de modificação urbanística do território devido aos contatos que passaram a ser estabelecidos entre romanos e saguntinos. Possivelmente tal processo de reconfiguração do espaço ocorreu para se adaptar as necessidades romanas que foram se construindo ao longo do tempo. Ademais ao refletirmos sobre a interação cultural, a cidade se torna um ponto fundamental a ser analisado, por ser ali o local em que as culturas se encontram, negociam os seus interesses e se enfrentam para conseguir satisfazer os seus desejos (IANNI, 2000:124).

O historiador Pierre Grimal, nos adverte que nas regiões do extremo Ocidente, como na Gália e na Península Ibérica, os romanos foram os pioneiros em introduzir e/ou reconfigurar, como em Saguntum, a organização sócio-espacial dos territórios conquistados. A estrutura aplicada era similar a da cidade-estado de Roma. (GRIMAL,2003:09). Logo, verificamos que a construção de uma cidade romana expressava a presença e o poder de Roma, no controle do território integrado ao seu domínio. Através de Grimal, percebemos que os indivíduos que migravam de Roma, levavam consigo suas características, que denominaremos de *romanidade*, para as áreas coloniais. Esse conjunto de ações poderia ser identificado como uma forma de demarcar a sua identidade cultural pautada num sistema

simbólico religioso, social e político (GRIMAL,2003:10). Logo, o autor deixa transparecer que as instituições, os monumentos, os cultos de sua matriz e a *Urbs* por completa tiveram os seus traços migrados para as províncias que compunham a área imperial (GRIMAL,2003:11).

As *civitates* romanas, geralmente, possuíam no centro uma forma de praça pública, a qual se assimilava ao *forum*, constituído de: uma região de culto da religião oficial, o Capitólio⁵; uma *curiae* para as assembléias dos Decuriões; e a basílica, sede da vida judiciária. Além disso, possuíam um teatro e/ou um anfiteatro para espetáculos e jogos; santuários para as suas diversas divindades; as termas; os aquedutos e fontes; as construções monumentais as quais expressavam o poder cívico (GRIMAL,2003:13).

Os planos arqueológicos⁶ apresentados a seguir nos possibilitam obter o panorama da planta de Saguntum, durante os séculos I a.C. e II d.C.

Imagem 2 – Plano
Arqueológico da Civita
Saguntina entre os séc. I a.c II
d.C.(GASCÓ,2004-B:01)

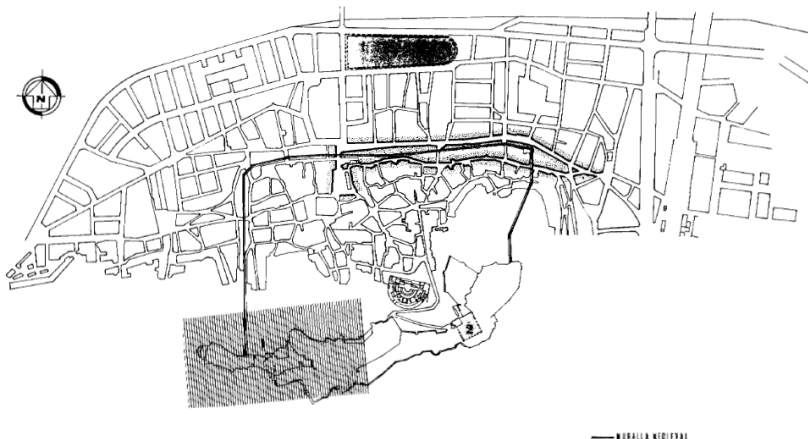


Imagem 3- Planta
da Cidade de
Saguntum
(GASCÓ,
1991:73)

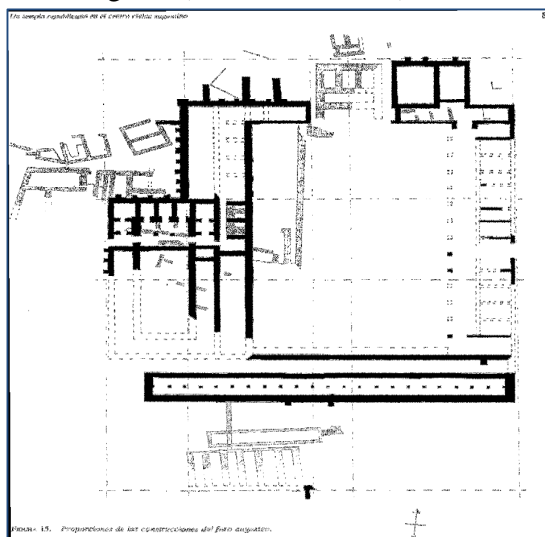
Segundo Grimal uma cidade romana normalmente era estabelecida através de uma forma geométrica quadrada ou retangular, a qual ficava atravessada por duas vias perpendiculares (GRIMAL,2003:18). As plantas de Saguntum, nos deixa transparecer uma aproximação com o modelo geométrico de *civita* romana. Os traçados e a forma quadrada ou retangular possuem uma ligação com a esfera sagrada, o que se remete aos ritos romanos e ao mito de fundação de Romulo e Remo (GRIMAL,2003:19). A fundação da cidade era oficializada por um magistrado, o qual designava o local do centro de poder. Os espaços são distribuídos de acordo com o status social e a função que os indivíduos exerciam na cidade.

Todavia, as cidades romanas, em algumas regiões também seguiram o modelo de organização dos acampamentos militares. Em tais demarcações, os lotes são distribuídos em sua maioria através de parcelas iguais, assim satisfazendo grande parte dos membros e

facilitando também a defesa da região contra possíveis ataques de inimigos. Um exemplo pode ser visto na África, em Timgad (GRIMAL,2003:19). A partir de nossos escritos notamos que a cidade romana pode ser vista simultaneamente como o lugar da organização e da desorganização. Logo, as questões sociais locais devem ser consideradas para que possamos compreender a razão das alterações de equilíbrio de uma urbanização (RONCAYOLO, 1986:427).

O *forum* encontrado em Saguntum passou por duas etapas. A sua construção remontaria ao período republicano entre os séculos II a.C e I a.C. Contudo, de acordo com a arqueóloga Carmen Aranegui Gascó, em finais do século I a.C, com o principado de Augusto, houve na região uma remodelação do *forum* romano para se adequar a expansão da área urbana saguntina (GASCÓ, 2004-B: 12-3). Ao interagirmos com Pierre Grimal, percebemos que ele complementa os estudos de Gascó, ao nos indicar que o *forum* é o lugar no qual se encontra o centro de poder e em torno dele que se localizam as atividades comerciais, jurídicas, religiosas e a vida pública. No *forum* encontramos as instituições que se assemelhavam as da metrópole e nesse espaço que ocorria às assembléias locais (GRIMAL,2003:51). Com o passar do tempo o processo de interação cultural possivelmente levou a elite nativa a se inserir na vida pública exercida nos *fora* (pl. de *forum*) das cidades romanas.

Imagem 4 – Forum Romano de Saguntum, séc. I a.C.- II d.C. Área em negro representa as remodelações do período de Augusto (GASCÓ,1991:70)



Ao prosseguirmos em nossas análises sobre as construções romanas em Sagunto, vamos nos concentrar sobre a área de espetáculo, ou seja, o teatro. Apontamos que os teatros e anfiteatros são os edifícios com maior grau de expressão e de conservação que temos informações até os dias de hoje, de acordo com Pierre Grimal. O autor salienta que geralmente, no período imperial, a maior parte das cidades dispunha de um teatro. Tais construções eram voltadas para os espetáculos de tragédia, comédia, mímica e música (GRIMAL, 2003: 69).

Em nossos escritos compartilhamos dos apontamentos da pesquisadora Marilda Corrêa Ciribelli, sobre o teatro romano. De acordo com a classicista, havia uma tendência na década de noventa, em apresentar a cultura romana como uma simples réplica da helênica. Todavia, a autora aponta que esta visão seria simplista e nos levaria a construirmos equívocos históricos,

tendo em conta as especificidades de cada sociedade. Logo, verificamos que o teatro romano através das suas peças e estrutura foi um dos espaços singulares no processo de troca cultural, realizada entre helenos e romanos, como foi ressaltado por Ciribelli (CIRIBELLI, 1996:235).

O teatro romano, apesar da inspiração helênica, apresenta um conjunto de variantes que não podem ser pensadas enquanto simples imitações áticas. A planta de um teatro romano era diferente do modelo grego, pois as peças latinas eram criadas de acordo com as particularidades culturais do Lácio e das áreas provinciais. O edifício do teatro romano contém a *orchêstra* disposta de forma semicircular, tendo em vista que as peças romanas não possuem coro, como na estrutura teatral grega em geral. Na outra parte do semicírculo se situa os espectadores mais importantes da cidade. O resto da multidão se aloja em bancada da região da *cavea*, a qual era elaborada de forma semicircular e que possuía uma medida maior que a da *orchêstra*. O espetáculo ocorria no *pulpitum*, parte um pouco elevada que ficava junto da *orchêstra* e cuja ornamentação se dava através de colunetas. Também havia o uso da *cortina*, a qual baixava no começo da apresentação e subia no final da mesma, além do *scenae frons*, que era um pano de fundo, o qual passou a ser maior e mais adornado com os romanos (GRIMAL, 2003:70-2).

O teatro de Saguntum pode ser datado como pertencente ao século I a.C. Na sua construção não ficou perceptível alterações nos elementos que integravam os teatros romanos, os quais foram pontuados acima. Ele se encontra junto do antigo centro urbano da *civita*. A pesquisadora Emília Hernandez, nos indica que os arquitetos se apropriaram do relevo acidentado, como da parte baixa da montanha do castelo em Saguntum, para realizar a elaboração do teatro romano (HERNANDEZ, 1993:26-7). Ao analisarmos a função social do teatro nas cidades romanas, nós podemos indicar que ele adquiria a ação de lazer para os indivíduos. Contudo, o teatro também demarca a identidade de um grupo, a cultura que eles pertencem em contraponto com aquilo que é a sua alteridade. O teatro romano emerge como o *locus* da romanidade nas áreas provinciais, aquilo que congrega os atributos do ser romano, além de exercer um papel de atração para as elites nativas locais, no processo de interação cultural. Mediante o exposto notamos que possivelmente o teatro assumiu a atribuição de formação da população tanto romana, quanto nativa, dentro dos valores e interesses da ordem romana.

Imagem 5 - Planta do teatro romano de Saguntum romano de
(HERNANDEZ, 1993:30)

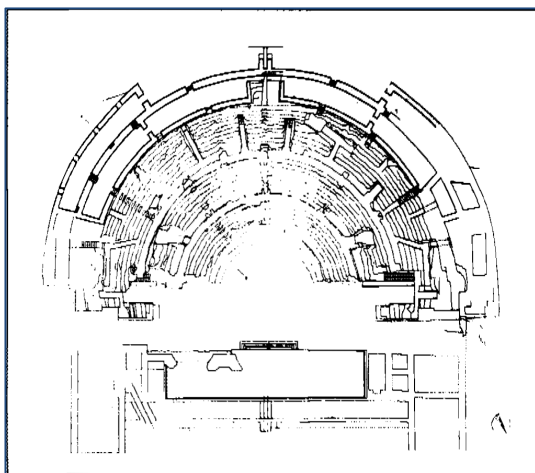


Imagem 6- Fotografia do Teatro na atualidade⁷.



Além do *forum* e do teatro que foram construídos em Saguntum, nós verificamos a reelaboração do seu porto, no período romano. De acordo com a Prof.^a Carmen Aranegui Gascó, o local era denominado de Grau Vell. A pesquisadora argumenta que tal lugar apresentaria uma construção portuária anterior à presença romana no século III a.C., mas cujo desenvolvimento teria sido realizado posteriormente à Segunda Guerra Púnica, com a reconstrução da cidade por Roma (GASCÓ, 2004-B: 07-10). A arqueóloga Carmen A. Gascó salienta que na redistribuição do espaço portuário, as construções foram realizadas de forma perpendicular ao mar e se orientando através de uma torre, a qual foi erguida no século II a.C. As obras do porto possuem como seu estilo a disposição dos blocos unidos por meio de material argiloso, com o tom avermelhado alocados em linhas horizontais. O referido modo construtivo, possivelmente foi aplicado em diversos edifícios e monumentos durante o séc. II a.C. (GASCÓ, 2004-A: 81).

Segundo a pesquisadora Carmen A. Gascó houve no período republicano entre os séc. II e I a.C. uma criação de um dique na área portuária saguntina. Gascó nos pontua que a função da citada engenhosidade romana, era a de proteger o porto das intempéries marítimas, além de atuar como base de defesa contra invasões ao território (GASCÓ, 2004-A: 81). Possivelmente, a área portuária teria permitido as interações culturais entre as sociedades do Mediterrâneo e os saguntinos. A área portuária do Grau Vell poderia ser considerada como um lugar propício para a realização de interações culturais⁸, devido ao fluxo de pessoas que atuavam nas trocas comerciais e culturais.

Através das transformações culturais apontadas fica perceptível que a urbanidade é o marco do ser civilizado, pois justamente neste lugar que foi demarcado um dos principais pontos que integram a civilização, em contraponto com o viver submetido às intempéries da natureza (IANNI, 2000:124-7). Logo, a cidade é percebida enquanto um centro de cultura, ou seja, um elemento de refinamento e de prestígio. A cultura urbana herda uma tensão entre as formas de ensino e os mecanismos de reprodução e de transformação social. É no centro de poder da *civita*, em função da cultura urbana que foi instruída e formada ali, que as ideologias emergem, se cruzam e se confrontam (RONCAYOLO, 1986:424). Os indivíduos na *civita* interagem com as instituições de poder, com as formas de educação, como o teatro, e a apreciavam a monumentalidade para ver a si mesmos, ao seu povo, a sua sociedade, suas tradições o que reforçava a sua identidade e diferenciava o que somos “*nós*” daquilo que são os “*outros*” (SAID,1995:13). Assim a cidade pode ser entendida via o conjunto de comportamentos e atitudes que a população expressa neste espaço físico, e que demarca a sua identidade cultural (RONCAYOLO, 1986:422).

Em suma notamos que as cidades romanas expressavam as ações político-culturais, de Roma no processo de conquista e consolidação da sua *liderança de poder unipolar* pelo Mediterrâneo Antigo. A documentação por nós aqui apresentada e as evidências arqueológicas nos possibilitam compreender que o ambiente cultural, do qual a *civita* dispunha agia no sentido de disseminar a *romanidade*, assim atraindo as elites locais, para o modo de vida romano. A cultura romana preparava os seus cidadãos através da formação educacional, das tradições e através dos recursos culturais e religiosos. Mediante o que foi apresentado, percebemos que a política romana se valeu da cultura e do urbanismo para criar zonas de proteção política, para reforçar o poder de um centro metropolitano sobre as suas províncias.

Documentação Arqueológica:

CORELL, Josep. *Inscripciones romanes del país Valencià: (Saguntum i el seu territori)*.

Vol.1. Valencia:Universidad de Valencia, 2002.

GASCÓ, Carmen Aranegui. *Un Templo Republicano en el centro cívico Saguntino*. Templos Romanos em Hispania. Cuadernos de Arquitectura Romana, vol. 01, Murcia, 1991, pp. 67-82.

_____; FUERTES, Carlos Juan; Izquierdo, Asunción Fernandez. *Saguntum como porto principal: uma aproximação náutica*. In: ZEVI, Anna Gallina(org.). *Méditerranée occidentale antique: les échanges*. Itália: Rubbettino Editoriali, 2004 - A, pp. 75 -100.

_____. *Sagunto y Roma*. Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, Alicante, 2004-B, pp. 01-30.

HERNANDEZ, Emilia; LÓPEZ, Montserrat; PASCUAL, Ignacio, GASCÓ, Aranegui Carmen. *El teatro romano de Saguntum. Teatros romanos de Hispania*. Cuadernos de arquitectura romana, vol 2, Murcia, 1993, pp. 25-42.

Documentação Textual:

LIVY. *Ab Urbe Condita Libri*. Hannibal's War. Books XXI – XXX. Tradutor: J. C. Yardley. Nova York: Oxford University Press, 2006.

T. LIVII. *Ab Urbe Condita Libri*. Books XXI – XXX. Tradutor:W. Brownrigg Smith. London: Jonh Weale-High Holborn,1857.

POLYBIUS. *The Histories*.Vol. II, Books III e IV. Loeb Classical Library. Tradução: W. R. Panton. Cambridge e Massachusetts: Harvard University Press; London: William Heinemann Ltda, 1979.

STRABO. *Geography*. In: <http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Strabo/home.html> (acessado pela última vez em: 25/07/2011).

Referência Bibliográfica:

BLÁZQUEZ, José María (orgs.) *Historia de España Antigua. Tomo I – Proto Historia*. Madrid: Catedra, 1997.

CIRIBELLI, Marilda Corrêa. *Teatro Romano e Comédia Palliata*. In: Phoînix. Laboratório de História Antiga, UFRJ, ano II, Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996, pp. 235-244.

_____. *A atualidade das idéias pedagógicas sobre a juventude romana na comédia Adelfos de Terêncio*. In: Phoînix. Laboratório de História Antiga, UFRJ, ano XII, Rio de Janeiro: Sette Letras, 2006, pp. 216-230.

ECKSTEIN, Arthur M. *Mediterranean anarchy, interstate war, and the rise of Rome*. Berkley; Los Angeles; London: University of California Press, 2006.

GREIMAS, A. J. *Semiótica e Ciências Sociais*. São Paulo: Cultrix, 1981.

FUNARI, Pedro Paulo A. *Arqueologia*. São Paulo: Contexto, 2006.

HIRATA, Elaine Farias Veloso. *Monumentalidade e representações do poder tirânico no Ocidente Grego*. In: CORNELLI, Gabriele(org). *Representações da Cidade Antiga: Categorias históricas e discursos filosóficos*. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos – Univ. de Coimbra, 2010,pp. 23-38.

IANNI, Octavio. *Enigmas da Modernidade-Mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

MENDES, Norma Musco. *Império e Latinidade*. In: COSTA, Darc; SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (orgs.). *Mundo Latino e Latinidade*. Rio de Janeiro: MAUAD, FAPERJ, 2004, pp. 17 – 27.

RICHARDSON, J. S. *Hispaniae, Spain and the development of Roman imperialism, 218-82 b.C*. Cambridge: Cambridge University Press,2004.

RONCAYOLO, Marcel. *Cidade*. In: ROMANO, Ruggiero & GIL, Fernando (orgs.) *Enciclopédia Einaudi - Região*. Vol.08. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1986, pp. 396 - 487.

SAID, Edward W. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Referências de Anais de Eventos:

CAMPOS, Carlos Eduardo da Costa. *Zacânton: A Colonização Grega de Saguntum*. XIX Ciclo de Debates em História Antiga. Rio de Janeiro: LHIA/UFRJ, 2009;

Referências de Periódicos:

CORELL, Josep. *Invocada la Intervención de Iau en una defixio de Sagunto* (Valencia). *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik*. Bonn, 2000.

DOMÍNGUEZ, Ramón Járrega. *La vía romana de Saguntum a Caesaraugusta en la comarca del Alto Palancia: estudio arqueológico*. *Revista Millars: Espai i Història*,Vol.:24, Ano: 2001, pp. 35-58.

¹ A abordagem metodológica a qual utilizamos em nossos estudos foi pautada em Algirdas Julius Greimas, na obra *Semiótica e Ciências Sociais*, através da elaboração da grade de “*Análise do Conteúdo*”, que foi desenvolvida pela Prof.^a Maria Regina Candido, no NEA/UERJ. As idéias de Greimas nos possibilitam analisar uma estrutura narrativa, com maior atenção no contexto de produção do discurso. Ademais, as reflexões metodológicas nos levam a verificar os jogos de interesses presentes nas entrelinhas e o conteúdo de cunho político nos textos produzidos pelos pensadores romanos sobre a relação da religião, com a política imperial. Tal método também nos possibilitará elencar da epigrafia (inscrições em estelas votivas, lâminas de chumbo e textos religiosos) elementos de *apropriação* ou *resistência* dos ibéricos contra a presença romana.

² Para o estudioso por nós analisado, o conceito de *Cultura de Política* deve ser refletido como um mecanismo que se adapta a diversidade de ações produzidas pelo homem, no meio social (BERSTEIN,1998:350).

³ O termo se remete ao plural em latim de *municipium*.

⁴ Verificar informações em Tito Lívio em *Ab Urbe Condita Libri*, IX, 30 - XL, 18, 26 - XLI,1.

⁵ O Capitólio é composto de três capelas dedicadas a Júpiter, Juno e Minerva e representa a cabeça da cidade, que seria protegida pelos deuses celestes. A construção capitolina se situava em cima de uma colina ou de uma edificação que remontasse a altura de modo que os deuses tivessem uma visão panorâmica da cidade que deviam resguardar (GRIMAL,2003:19-23).

⁶ Tanto os planos arqueológicos de Saguntum, quanto as plantas do *forum* e do teatro do período romano foram analisadas, por meio da *Arqueologia Pós-Processual*. Tal vertente nos possibilita compreender o objeto de estudo de acordo com o seu contexto histórico, assim se enfocando nas especificidades e não tendendo ao generalismo de visões, como era realizado pela arqueologia processual. Logo, a cultura material é um importante instrumento para se compreender as formas de organização social (FUNARI, 2006:51-2).

⁷ Imagem extraída do site de cultura clássica de Valência. Confrontar informações em: <http://www.culturaclasica.com/?q=node/1599> Acessado em: 10/07/2011.

⁸ A interação seria o processo que ocorre quando as pessoas estabelecem o contato cultural, assim possibilitando trocas culturais entre os envolvidos. JOHSON, Allan G. Dicionário de sociologia: guia prático da linguagem sociológica. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1997, p.131.